

# AMÉRICA AMÉRICA



**Amostragem da ficção  
hispano-americana atual**  
Aproximações brasileiras



## **Universidade Estadual de Santa Cruz**

---

**GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA**

JAQUES WAGNER - GOVERNADOR

**SECRETARIA DE EDUCAÇÃO**

OSVALDO BARRETO FILHO - SECRETÁRIO

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ**

ANTONIO JOAQUIM BASTOS DA SILVA - REITOR

ADÉLIA MARIA CARVALHO DE MELO PINHEIRO - VICE-REITORA

---

**DIRETORA DA EDITUS**

MARIA LUIZA NORA

**Conselho Editorial:**

Maria Luiza Nora – Presidente

Adélia Maria Carvalho de Melo Pinheiro

Antônio Roberto da Paixão Ribeiro

Dorival de Freitas

Fernando Rios do Nascimento

Jaênes Miranda Alves

Jorge Octavio Alves Moreno

Lino Arnulfo Vieira Cintra

Lourival Pereira Júnior

Marcelo Schramm Mielke

Maria Laura Oliveira Gomes

Marileide Santos Oliveira

Raimunda Alves Moreira de Assis

Ricardo Matos Santana

---

Dorine Cerqueira

# AMÉRICA AMÉRICA



Amostragem da ficção  
hispano-americana atual  
Aproximações brasileiras

**euil  
citt's**  
Editora da UESC

©2011 by DORINE CERQUEIRA

Direitos desta edição reservados à  
EDITUS - EDITORA DA UESC  
Universidade Estadual de Santa Cruz  
Rodovia Ilhéus/Itabuna, km 16 - 45662-000 Ilhéus, Bahia, Brasil  
Tel.: (73) 3680-5028 - Fax: (73) 3689-1126  
<http://www.uesc.br/editora> e-mail: [editus@uesc.br](mailto:editus@uesc.br)

### PROJETO GRÁFICO E CAPA

Álvaro Coelho

### REVISÃO

Maria Luiza Nora  
Aline Nascimento

---

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

C417 Cerqueira, Dorine.  
América América : amostragem da ficção hispano-ameri-  
cana atual ; aproximações brasileiras / Dorine Cerqueira. –  
Ilhéus : Editus, 2011.  
193p.  
Inclui bibliografia e índice biográfico.  
ISBN : 978-85-7455-214-9

1.Literatura hispano-americana- História e crítica. I. Título.

CDD – 860.9

---

# Sumário

Prefácio .....	7
Introdução .....	11
1 <b>Pedro Páramo</b> : a imagem em negativo como reflexo da morte e dos inferos profundos ....	17
2 <b>El Señor Presidente</b> : prática textual e discurso social .....	61
3 Miguel Ángel Asturias e a realidade onírica e mágica .....	81
4 Guillermo Cabrera Infante e Petrônio: uma aproximação .....	95
5 Manuel Puig: ambivalência escritura/leitura do acontecimento em <b>Boquitas pintadas</b> .....	133
6 Paródia e carnavalização em Severo Sarduy ( <b>De donde son los cantantes</b> ) .....	157
7 Jorge Luís Borges e a narrativa fantástica ...	173
Índice Biográfico .....	185



# Prefácio

Neste livro, professora e ensaísta Dorine Cerqueira reúne estudos sobre seis escritores hispano-americanos modernos que constituem uma introdução estimulante a esses autores: Juan Rulfo, Miguel Ángel Asturias, Guillermo Cabrera Infante, Manuel Puig, Severo Sarduy e Jorge Luís Borges.

A autora parece favorecer autores de textos “paródicos” e “lúdicos que têm um ancestral remoto na sátira menipeia, exemplificada pelo *Satyricon*, de Petrônio, autor romano da época de Nero e associado com a corte deste, pelo menos até que o imperador ordenasse que se suicidasse, como fez também com Sêneca. O único texto não lúdico-satírico abordado aqui é *Pedro Páramo*, do mexicano Juan Rulfo, com certeza o romance mais extraordinário da literatura hispano-americana.

Entre os críticos destacados, a escritora faz referência a figuras como Bachtine, Lacan, Umberto Eco, Derrida, Kristeva, Todorov, Barthes e Volek.

A respeito de *Pedro Páramo*, livro cuja interpretação é inesgotável, a profesora enfatiza o tema da morte, sempre no primeiro plano da psique mexicana, com seu pano de fundo histórico-social de macabras cerimônias astecas, vida moderna violenta e culto do macho. Entre os muitos aspectos surpreendentes de *Pedro Páramo*, está a descrição da morte duma meia dúzia de personagens, feita pelos mesmos defuntos, o que é raríssimo na literatura. Dentre os poucos autores que conhecemos que também se lançam a tal tarefa, estão dois dos maiores: Tolstoi e Faulkner. Aliás, este último foi um dos grandes mestres técnicos de Rulfo.

O segundo autor focado é o guatemalteco Miguel Ángel Asturias, com *El Señor Presidente*, romance publicado em 1946, mas elaborado no tempo do surgimento do surrealismo (a terceira década do século XX, época de *Tirano Banderas*, de Ramón del Valle-Inclán e *Macunaíma*, de Mário de Andrade, para não mencionar o *Uysses*, de James Joyce). *El Señor Presidente*, romance que trata de uma notória ditadura política, está impregnado de uma “poesia brutal” que tenta plasmar um ambiente de opressão político-social que convive com estruturas mentais penetradas por um sincretismo confuso das religiões e superstições pré-hispânicas e católicas.

*Tres tristes tigres*, do cubano Guillermo Cabrera Infante, é, dentre os romances abordados, o mais parecido com a sátira menipeia (há alusões ao *Satyricon* e personagens dele no texto). Como a obra de Petrónio, trata-se duma “miscelânea de prosa e verso tragicômica, a crítica séria com a burlesca”, visando ao retrato duma sociedade devassa (nesse caso, a cidade de Havana do ano 1958, e sobretudo a sua vida noturna). A trama está tecida ao redor do mito de Ecué, origem da seita africana abakuá e da cubana dos *ñáñigos*. Esta última foi eventualmente proibida pela Revolução de Fidel Castro, que se opunha (não sem razão) à prática dos recém-iniciados de matar a primeira pessoa que vissem após a cerimônia de iniciação. A Revolução, com suas raízes puritanas, tratou de acabar com o tipo de vida noturna devassa do ano em que a trama de *Tres tristes tigres* acontece. Porém, na extrema decadência da mesma Revolução, dos anos 1990 e seguintes, esse estilo de vida está ainda se manifestando, mesmo dentro da indigência material cubana de agora. Veja-se *La trilogia sucia de La Habana*, de Pedro Juan Gutiérrez, que lembra, ao mesmo tempo, o *Satyricon* e o “realismo sujo” de

Charles Bukowski.

*Boquitas pintadas*, do argentino Manuel Puig, e *De donde son los cantantes*, do cubano Severo Sarduy, também são do gênero lúdico-satírico. O primeiro desses romances, como explica seu autor, é “mi interpretación de los móviles morales de La clase media em una época determinada” da Argentina rural (o vilarejo de Coronel Vallejos, na província de Buenos Aires, entre 1934 e 1968). Puig se vale de cartas, letras de tango, pedaços de artigos jornalísticos e outros materiais do sistema de comunicações que entram na vida da classe média brega do lugar. O romance de Sarduy é “uma epopeia que começa na Andaluzia árabe do século IX e vai até uma Cuba de antecipação”.

O livro de Dorine Cerqueira termina com um estudo breve sobre o conhecidíssimo e cultíssimo escritor argentino Jorge Luís Borges que, segundo a crítica brasileira Bella Josef, estabeleceu duas premissas fundamentais na sua visão das coisas: “primeiro, o caos que governa o mundo; segundo, o caráter de irrealidade de toda a literatura”. Tempo, espelho, labirinto, biblioteca e eterno retorno são conceitos-chave para desentranhar a escrita de Borges, tão comentada.

Ao redor da figura deste erudito príncipe das letras hispano-americanas, há vários mistérios. Por exemplo, por que foi ao Chile, em 1976, para ser recebido pelo ditador Pinochet, a quem prodigou elogios? Borges atribuiu seus elogios a esse troglodita militar a um medo do caos, próprio de um ser excessivamente tímido, esquecendo, aparentemente, toda ideia moral. É que Borges usou, uma só vez, a sua poderosa imaginação para saber o que é ser torturado. E se ele, tão tímido, tivesse sido uma das vítimas? E Pinochet foi um Macbeth moderno, um traidor à suprema autoridade que o

nomeara. Se isso não bastasse, era duvidoso, se esse militar semi-analfabeto teria entendido um só parágrafo da escrita do argentino. E, porém, Borges sempre se proclamou admirador da liberal e tolerante Inglaterra. Não é surpreendente, portanto, a visão do mundo de Borges como caos, quando ele foi capaz de um ato tão sem pés nem cabeça. Talvez venha a tona um ditado do poeta irlandês W. B. Yeats: “uma das duas, ou a perfeição na arte ou a perfeição na vida”. Uma exclui a outra. A bajulação de Borges mereceria figurar na sua própria *Historia universal de la infamia*.

Quem ler o livro da professora Dorine Carqueira, seja novato ou especialista na área, se sentirá muito estimulado pela análise penetrante que ela faz dos seis autores.

Peter Turton<sup>1</sup>

.....  
<sup>1</sup> Escritor e professor de língua espanhola e de literaturas espanhola e hispano-americana da UESC – Universidade Estadual de Santa Cruz – Ilhéus – Bahia.

# Introdução

Así comenzó el secuestro de la gente que aparecía  
muerta en los caminos y que había sido sacrificada  
ante el dios Tohil...

## Popol-Vuh

O descobrimento e a conquista do Novo Mundo, sua terra e sua gente são descritos em cartas-relatórios e crônicas dos soldados, dos catequistas e dos viajantes. Assim, a literatura hispano-americana começou como um capítulo colonial da literatura espanhola. Da mesma forma que a *Carta* de Pero Vaz de Caminha inicia a literatura de língua portuguesa no Brasil, quando informou sobre a beleza e fertilidade da terra na frase célebre: “Em se plantando, tudo dá”, isto é: “E em tal maneira he graciosa que querendoa aproveitar darsea neela tudo”<sup>1</sup>, as “cartas-relaciones” de Cristóvão Colombo inauguram a literatura de língua espanhola na Hispano-América. O navegador genovês a serviço da Espanha dá conta aos Reis Católicos dos feitos e impressões de sua primeira viagem, começando a “carta-relación” assim: “Isla muy verde y llana y fertilísima...”. E lá se vão mais de 500 anos do Descobrimento da América.

A conquista da América, de iniciativa particular, foi ávida de lucros, e como tal “manchou-se muitas vezes de crueldades inauditas”. Se, de um lado, o fator Índia estava bem vivo e con-

.....  
<sup>1</sup> Pero Vaz de Caminha. *A Carta de...* 2. ed. Estudo crítico de Almeida Prado. Rio de Janeiro: Agir, 1977, p. 110.